

Das vozes sociais em *Um caso de burro*, de Machado de Assis: polêmica e(m) discurso

On social voices in *Um caso de burro*, by Machado de Assis:
discourse (and) polemics

Kelli da Rosa Ribeiro¹

Resumo: Neste artigo, analiso a polêmica de vozes que se constitui na crônica *Um caso de burro*, de Machado de Assis. Por meio da teoria dialógica do discurso, procuro mostrar a perspicácia do locutor em trazer a voz do burro para a narrativa, fazendo com que surja, no discurso, uma polêmica velada que dialoga com os problemas sociais vividos não só à época de Machado, mas também com problemas contemporâneos. Desse modo, meu objetivo é discutir sobre a noção de polêmica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, trazendo como pontos de verticalização, desta reflexão, os conteúdos polemizados na crônica machadiana, tais como: i) a descrição do espaço e a passagem do tempo na crônica; ii) a atitude avaliativa do narrador em relação às características físicas e psicológicas do burro que fazem surgir a polêmica de vozes; iii) o direcionamento da crítica social, em discurso bivocal, no exame de consciência do burro. A análise possibilita a compreensão da confluência de vozes na crônica machadiana que traz para o centro do debate os problemas mais sensíveis de uma sociedade estratificada em que imperam tanto a exploração do trabalho humano, quanto o descaso em relação às necessidades básicas deste trabalhador.

Palavras-chave: Vozes sociais. Polêmica. Discurso bivocal. Crônica.

Abstract: In this paper, I analyze the polemics of voices that are forged in the chronicle *Um caso de burro*, by Machado de Assis. Informed by the dialogical discourse theory, I try and show the writer's ingenuity in bringing the donkey's voice to the narrative, making it possible for the discursive emergence of a veiled polemics, which dialogizes with social problems that were not only present in Machado's time, but also contemporarily. Thus, my objective is to discuss the construct of polemics developed by Bakhtin and Circle, bringing the contents tensioned in the chronicle as in-depth analytical axis, such as: i) the description of space and time in the chronicle; ii) the axiological posture of the narrator in regards of the donkey's physical and psychological characteristics, which makes voice polemics emerge; iii) the focusing of social criticism, in bivocal speech, when it comes to the scavenge of the donkey's consciousness. The analysis opens doors for the comprehension of voice's interweaving movement in Machado de Assis' chronicle, which sheds light on the most delicate problems of a stratified society still marked by the exploitation of human labor, as well as by the neglecting of laborer's basic needs.

Keywords: Social voices. Polemics. Bivocal speech. Chronicle.

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande, RS, Brasil Endereço eletrônico: kfro.rib@gmail.com.

Primeiras palavras

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?

(Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*)

Início este texto destacando meu interesse em discursos polêmicos que confrontam vozes opressoras e oprimidas. Sendo o enunciado permeado por diferentes vozes sociais que disputam, que concorrem e que se chocam, o descortinar da polêmica instaurada revela as relações dialógicas mais profundas e tensas que constituem o homem, a linguagem e a sociedade. Assim, nas minhas pesquisas mais recentes acerca de discursos midiáticos, tenho me dedicado a compreender o funcionamento desse embate e ampliar a discussão teórica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, aplicando a noção de polêmica entre vozes, em metodologias de análise, que capturem o diálogo tenso com a palavra do outro, em variados discursos (RIBEIRO, 2017; 2018; 2019).

No presente texto, sigo os passos bakhtinianos de análise e volto o meu olhar para a polêmica construída em um discurso advindo da literatura. O discurso na arte apresenta facetas composicionais e enunciativas que permitem um diálogo profícuo com diferentes esferas sociais. Nesse sentido, à luz da teoria dialógica de Bakhtin e o Círculo, me debruço sobre a crônica *Um caso de burro*, de Machado de Assis, a fim de mostrar como a perspicácia do locutor em trazer a voz do burro para a narrativa faz com que surja, no discurso, uma polêmica velada que dialoga com os problemas sociais vividos não só à época de Machado, mas também com problemas contemporâneos.

Desse modo, meu objetivo é discutir sobre a noção de polêmica desenvolvida pelo Círculo, trazendo como pontos de verticalização desta reflexão os conteúdos polemizados na crônica machadiana, tais como: i) a descrição do espaço e a passagem do tempo na crônica; ii) a atitude avaliativa do narrador em relação às características físicas e psicológicas do burro que fazem surgir a polêmica de vozes; iii) o direcionamento da crítica social, em discurso bivocal, no exame de consciência do burro.

A polêmica, como categoria que advém das relações sociais estratificadas, se arquiteta no discurso, por meio de vozes colocadas em embate pelo locutor do texto. O embate de vozes pode ser mais ou menos explícito em um discurso essencialmente bivocal. Assim, ao discutir a respeito do discurso bivocal no romance de Dostoiévski, Bakhtin ([1929/1963] 2010, p. 223) destaca que o discurso de “nossa vida prática está cheio de palavras de outros”. Nossa voz pode

fundir-se inteiramente com essas palavras e com outras podemos delimitar fronteiras, conflitando com elas ou aceitando-as como autorizadas, legitimadas para nós. Por isso, Bakhtin ([1929/1963] 2010, p. 211) ressalta que o discurso bivocal surge “sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra”.

O processo tenso de apropriar-se do discurso alheio, na ótica bakhtiniana, se deve ao complexo jogo plurivocal de avaliações sociais que ocorrem e concorrem nas esferas discursivas e nos variados gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que se engendram em diversos campos da atividade humana na sociedade. Cada gênero, considerando suas especificidades, se constitui de três elementos: forma composicional, estilo e conteúdo temático, isto é, os gêneros possuem uma estrutura recorrente que tem relativa estabilidade em função da individualização que o locutor lhe atribui a cada nova interação verbal.

Segundo Ribeiro (2015), os gêneros discursivos têm vínculos imediatos com a vida concreta dos sujeitos. É por meio dessas formas discursivas, com certa estabilidade, que a comunicação se realiza na sociedade. Bakhtin (2003, p. 265) afirma que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos”, ou seja, a língua integra a vida e vice-versa por meio dos enunciados realizados em gêneros discursivos. A partir dessa conjuntura, então, é preciso entender também que o processo de bivocalização pode acontecer de maneira diferente dependendo do gênero discursivo envolvido na interação.

Pensando nessas questões, divido as reflexões deste texto em dois momentos. No primeiro, apresento um debate teórico acerca das contribuições do Círculo para a análise de polêmicas em enunciados concretos, oriundos de variadas esferas da comunicação humana. No segundo momento, verticalizo a discussão sobre a polêmica, colocando em cena trechos da crônica *Um caso de burro*. Busco, com esta incursão discursiva e literária observar a produção de sentidos emergentes do choque entre vozes em um gênero discursivo que tem como projeto enunciativo a discussão sobre as diversas problemáticas do cotidiano.

A noção de polêmica: enunciado, vozes e bivocalidade

Abro o debate em torno da noção de polêmica, trazendo uma ideia de Morson e Emerson (2008) acerca da terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, que para mim é o ponto inicial das reflexões do Círculo sobre bivocalidade. Para Morson e Emerson (2008), os pensadores russos evitam começar a discussão dos modos de apreensão e transmissão do discurso alheio com uma classificação de formas sintáticas, preferindo “discutir as atitudes e os valores sociais que moldaram essas formas e que podem permeá-las”. Desse modo, “diferentes

tipos de discurso indireto se cristalizam em diferentes conjuntos de valores e propósitos com relação ao discurso dos outros”. Como exemplo dessa orientação da palavra alheia, num conjunto de valores sociais, os autores citam como exemplo o enunciado autoritário. Tal enunciado, estilizado de modo linear, oferecerá pouca oportunidade em sua construção para expressar opiniões, concordâncias ou discordâncias de opiniões dos interlocutores (MORSON; EMERSON, 2008, p. 179).

É importante frisar, nesse sentido, que os discursos no cotidiano são constituídos pelo estilo linear e pelo pictórico ao mesmo tempo, demonstrando a complexidade que há na relação entre a diversidade de discursos que circula na cadeia da comunicação discursiva e nos modos de apreender e transmitir esses já-ditos. Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010, p. 156) chamam os dois estilos de “dinâmicas de inter-relação da enunciação e do discurso citado”. E, tendo em vista essa complexidade, entendo que a palavra bivocal discutida em *Questões de literatura e de estética* e em *Problemas da poética de Dostoiévski* pode ser engendrada, no plano linguístico-discursivo, pelos estilos linear e pictórico. A discussão que recobre tanto a palavra bivocal quanto esses estilos envolve a dinâmica dos graus de diluição das fronteiras entre o discurso que cita e o discurso citado, por isso, empregaremos esses conceitos em relação, a fim de compreender de maneira aprofundada os modos de apreensão, transmissão e orientação semântica e axiológica em relação à palavra do outro.

Embora as obras do Círculo tragam a discussão para o âmbito da literatura, recorrendo, muitas vezes, ao gênero romanesco para ilustrar suas elaborações, é possível perceber que tais reflexões se estendem para qualquer discurso, considerando que em diversos momentos os estudiosos deixam claro em seus escritos que a linguagem comum, do dia-a-dia está repleta de vozes, já-ditos, enunciados alheios. Assim, Bakhtin ([1975] 2010b) aborda os modos de transmissão da palavra do outro no romance, tratando desses sujeitos como autor, narrador, personagens, pois eles são os sujeitos que criam, enunciam, “falam” no contexto narrativo.

Considerando sempre todo ato estético verbal como conjunto de valores em tensão, Bakhtin (2003, p. 10) primeiramente define autor como “o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta”. Ao colocar essa autoria numa dimensão de transposição de valores, o pensador russo faz ainda a distinção entre autor-pessoa e autor-criador, elementos intrínsecos no todo orgânico da obra (discurso). O autor-pessoa, conforme Bakhtin (2003, p. 9), é o “elemento do acontecimento ético e social da vida”, é o sujeito físico, que vive socialmente. Já o autor-criador é “o elemento da obra”, que emerge como refração de uma imagem discursiva, a partir do conjunto das escolhas e do arranjo do discurso. Podemos compreender que autor-

criador participa do espectro de refrações do autor-pessoa e que ambos, em planos distintos, engendram tom axiológico sobre o discurso e os sentidos produzidos.

Compreendo, a partir dessas reflexões, que é autor, nas duas dimensões apontadas, o sujeito que produz discurso, que enuncia num determinado contexto, que mobiliza diferentes gêneros em diversas esferas, seja na esfera literária, seja nas outras esferas da atividade humana. O autor, tanto do romance, quanto o sujeito comum e ordinário são, em essência, sujeitos dialógicos, de modo que vivem envoltos de diversas vozes sociais com as quais conversam, divergem e, sobretudo, valoram.

Desse modo, Bakhtin ([1975] 2010b, p. 105) comenta que “o prosador – romancista não elimina as intenções alheias da língua feita de diferentes linguagens de suas obras”, isto é, ele “não destrói as perspectivas sócio-ideológicas que se desenvolve além das linguagens do plurilinguismo”, pelo contrário, o autor inclui todas essas intenções alheias na sua obra. Isso acontece porque o autor encontra o discurso do outro já mergulhado em valorações sociais e ele deve reelaborar as intenções e as valorações alheias em seu contexto enunciativo. A reelaboração do discurso do outro no discurso do eu instaura uma dialogicidade interna no enunciado na qual, conforme explica Bakhtin ([1975] 2010b, p. 128), se desenvolve um “diálogo concentrado de duas vozes, duas visões de mundo, duas linguagens”.

Para Bakhtin ([1975] 2010b), relatar um texto com as nossas palavras é fazer um relato bivocal da palavra alheia. No entanto, o pensador russo adverte o leitor dizendo que as nossas palavras não “devem dissolver completamente a originalidade das palavras alheias”, uma vez que o relato das palavras de outrem precisa ter um “caráter misto”, conservando alguns traços da expressividade do discurso transmitido e abrindo espaço para uma nova expressão (BAKHTIN [1975] 2010b, p. 142).

A palavra bivocal é, em essência, uma das formas de materializar o diálogo entre discursos e entre pontos de vista sociais. No ensaio *Os gêneros do discurso*, que integra a obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin discute a respeito desse encontro com diferentes vozes e como acontece a apreensão dos três aspectos da palavra pelo locutor, quais sejam a palavra da língua, a palavra alheia e a palavra minha. Conforme Bakhtin (2003, p. 294), a palavra da “língua” não pertence a ninguém, ou seja, é uma palavra em potencial, que ainda não foi apreendida e entoada por um locutor. A palavra “alheia” pertence aos outros, isto é, vozes de outros, enunciações já proferidas na sociedade em diferentes gêneros e esferas. Por fim, a palavra é considerada “minha” quando o locutor opera com essa palavra e nela insere seu ponto de vista sobre o mundo.

Nesse contexto, de acordo com Bakhtin (2003, p. 294), “a experiência individual discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. Esse processo pode ser caracterizado como uma assimilação das palavras do outro e não das palavras da língua que ainda estão em potencial de uso. O autor sublinha que isso acontece porque o

[...] nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras de outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 294 e 295)

No processo de acabamento do discurso bivocal, acontecem basicamente três movimentos dinâmicos que se interseccionam: o movimento de assimilar as palavras alheias, momento no qual se entra em contato com as vozes alheias; o movimento de reelaborar, momento no qual os dois discursos entram em relação dialógica num mesmo discurso, sofrendo os contornos discursivos da voz que assimila; e por fim, o movimento de (re)acentuar, momento no qual os valores da palavra que assimila entram em contato com os valores, as entonações alheias.

Os graus de intensidade de cada movimento dependem fundamentalmente do contexto no qual se engendra o discurso bivocal. Além disso, são fundamentais no processo bivocal a posição valorativa do locutor, o estilo individual, pois no interior de gênero, de cada situação socialmente recorrente, cada sujeito elabora de forma diferente a palavra do outro. Além disso, a relação entre o discurso que transmite e o discurso transmitido com o interlocutor do discurso bivocal influenciam cada um dos movimentos de acabamento desse discurso.

Tais variações influenciam também o quanto a palavra alheia aparece no discurso que transmite, ou seja, dependendo do gênero discursivo, do interlocutor e do contexto enunciativo, os contornos avaliativos do locutor aparecem mais ou menos ou as vozes se fundem. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin mostra tipos diferentes de orientações em relação ao discurso do outro e em relação ao contexto social envolvido. Segundo o pensador russo ([1963] 2010, p. 228), “as relações de reciprocidade com a palavra do outro no contexto vivo e concreto não têm caráter estático, mas dinâmico”, de modo que a “inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se num discurso orientado para diversos fins” e vice-versa (BAKHTIN [1963] 2010, p. 228).

Nesse contexto, focalizo a minha atenção no discurso bivocal de tipo ativo, observando a composição enunciativa das polêmicas internas ao enunciado. Essa orientação bivocal é

bastante complexa, pois no discurso bivocal do tipo ativo, o que aparece não é o outro e nem a sua voz, mas apenas o diálogo velado com a voz do outro. A orientação é em direção ao diálogo tenso com o outro que aparentemente não está presente no discurso, ou seja, é como se a voz do outro estivesse ali, mas ela aparece refrangida na polêmica instaurada, podendo aparecer ou não as fronteiras. A voz alheia aparece escamoteada, velada, refletida no discurso que transmite. O autor cita como exemplo dessa orientação, a polêmica interna velada, a autobiografia, confissão, diálogo velado, réplica de diálogo etc. (BAKHTIN [1963] 2010, p. 229).

Normalmente, a bivocalidade de tipo ativo aparece em diferentes tons de uma polêmica mais velada no discurso. Segundo Bakhtin ([1963] 2010), na polêmica velada as vozes se chocam de maneira conflituosa, mas diferentemente da polêmica aberta, o choque entre as vozes acontece de forma indireta, escamoteada no próprio discurso objetual do autor. A polêmica velada fica impressa no discurso bivocal também por meio dos elementos não verbais que compõem o contexto da interação, tais como imagens, gestos corporais, expressões faciais, entonação da voz etc. As polêmicas, em síntese, estão no plano axiológico do conhecimento compartilhado entre os sujeitos do discurso e só são perceptíveis na dimensão dialógica da interação.

Ressaltamos, como já foi referido anteriormente, que os três tipos de orientação do discurso bivocal podem aparecer de forma dinâmica em uma transmissão, isto é, os três tipos não se excluem e não ocorrem de forma estanque. Essa relação dinâmica é possível, porque, em todos os três tipos, percebemos que há um encontro dessas vozes, um choque, uma empatia, e isso ocorre de maneira bastante complexa na linguagem. Em cada modo de orientar-se em relação à palavra alheia e reelaborá-la em seu discurso, o locutor entra em empatia com essa palavra e encontra nela a diversidade de vozes e já ditos sociais.

Além disso, o locutor, ao reelaborar as palavras do outro em seu discurso, vivencia essa palavra de modo que o outro não vivencia, entoa de modo singular, diferente da entonação atribuída pelo outro. Isso acontece porque a nossa relação com o outro e com as suas palavras é perpassada pelo movimento dialógico da alteridade. Bakhtin (2003, p. 21) explica como acontece esse encontro com o outro, observando que

[...] quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (BAKHTIN, 2003, p. 21)

Essa não coincidência de visões de mundo e a insubstituíbilidade permitem as relações intersubjetivas. Cada qual, situado em si mesmo, possui horizontes de valor diferentes. O locutor, quando apreende a palavra alheia, excede o seu próprio horizonte de valor e entra em contato com o horizonte alheio. Bakhtin chama esse movimento de “excedente de visão estética”, salientando que é preciso “entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele” (BAKHTIN, 2003, p. 23).

Assim, simultaneamente há a empatia, isto é, a aproximação ao outro, e a exotopia, o distanciamento do outro e o retorno a si mesmo, para que aconteça o acabamento do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 25). Entendemos que a palavra bivocal, em seus diferentes tipos, surge a partir desse movimento exotópico, que se configura no movimento de tensão, de contato, de encontro. As palavras alheias são assimiladas, isto é, “encontradas” pelo locutor a partir da sua visão valorativa, axiológica sobre o mundo. É importante destacar que essa visão valorativa em relação ao dizer alheio também pode permanecer só no nível da empatia e não haver o afastamento necessário para a produção dos sentidos pretendidos. Em todos os casos, as palavras por sua vez já se encontram avaliadas, acentuadas, contornadas por um sujeito que as enunciou. O locutor, então, retorna a seu discurso e reelabora o seu dizer, contornando e refrangendo as palavras alheias em suas palavras, em sua subjetividade.

Bakhtin ([1975] 2010, p. 156) explica esse movimento, afirmando que o discurso do autor “representa e enquadra o discurso do outrem, cria uma perspectiva para ele, distribui suas sombras e luzes, cria uma situação e todas as condições para sua ressonância”. Com efeito, o discurso do autor entra em contato com o discurso alheio e “introduz nele seus acentos e suas expressões, cria para ele um fundo dialógico”, no qual diversos sentidos emergem para o interlocutor. Evidentemente, é um processo dinâmico, vivo e que leva sempre em consideração o outro a quem se dirige o discurso e o contexto no qual se engendra a comunicação.

Nesse contexto, na próxima seção, focalizo a crônica machadiana e o discurso bivocal de tipo ativo que constitui o texto, observando os modos mais sensíveis de apreensão de vozes pelo locutor. Por meio das análises, procuro delinear a figura do burro no discurso e o fundo dialógico da polêmica velada.

Um caso de burro e edificação da polêmica: a criação literária em análise dialógica

Os textos de Machado de Assis trazem ao leitor diferentes olhares para o sujeito e para a sociedade. A narrativa machadiana, nos seus singulares momentos, faz emergir variados aspectos que refletem e refratam a profunda estratificação social. Como autor de personagens

altamente complexas que atravessam gerações com enigmas intrinsecamente humanos, travou com o leitor uma relação de tensões discursivas insuperáveis. Joaquim Maria Machado de Assis era filho de um pintor de paredes mulato e de uma lavadeira; tornou-se um dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Acredito que sua origem suburbana, no contexto do nosso país, tenha contribuído para a construção desse olhar tensionado e sensível da realidade social.

Com o olhar astuto e axiológico para a sociedade em que vivia, Machado trouxe para seus textos a narrativa oblíqua dessa realidade. É, justamente, neste ponto, que faço a conexão com a noção de polêmica empreendida neste artigo: interessa-me observar como essa realidade social da época de Machado é polemizada em uma de suas crônicas e como esse texto torna-se (infelizmente!) tão atual no que tange à problemática em jogo.

A crônica, em análise, foi publicada no Jornal *Gazeta de Notícias*, da cidade do Rio de Janeiro, datada de 08 de abril de 1892². A data remonta a efervescência da abolição da escravidão, sendo um burro em estado terminal, figura central e alusiva ao escravo no contexto social da época. Machado escrevia semanalmente para os jornais cariocas e tinha um olhar crítico e reflexivo para diferentes questões humanitárias de seu tempo. Por ser a crônica um texto que se arquiteta no limiar das esferas jornalística e literária, esse tipo de texto deixa impressos vários pontos de contato com a história e com a cultura que circundavam Machado-cronista.

Tais pontos de contato, principalmente no exame de consciência do burro, me chamam a atenção por dois motivos: i) o burro àquela época figurativizava o sujeito escravo em situação de abandono, em um contexto sem políticas sociais para garantir uma vida digna a este sujeito; ii) na contemporaneidade, a figurativização do burro machadiano alarga-se para outras situações sociais, sendo múltiplas as possibilidades de refrações dessa figura em sujeitos marginalizados em nosso país.

Nesse sentido, compreendo que uma criação artística literária nasce no escopo de variados temas e linguagens que integram a cultura, a história e o contexto mais ou menos imediato de uma sociedade. Brait (2013) afirma que os diferentes gêneros literários (crônicas, poemas, romances etc.) “trazem para dentro de suas construções, de forma crítica e criativa, a diversidade de visões de mundo, tensões constituintes de uma comunidade linguística cultural, formas específicas de manifestação e representação”. A singularidade desses textos se constrói

² A crônica *Um caso de burro*, originalmente, não possui um título. Trata-se de um texto publicado no *Gazeta de Notícias* e organizado posteriormente, conforme a data de publicação. A pesquisa pela fonte original deste texto torna-se um desafio para o pesquisador, tendo em vista a quantidade de crônicas deste autor e as inúmeras vezes que Machado utiliza o animal burro para tratar dos problemas sociais de sua época. Uma das crônicas mais famosas do autor com essa temática é o texto “Direito dos burros”, publicada em 10 de junho de 1894, no *Jornal Gazeta*.

“no fio dos diálogos, amistosos ou polêmicos, com o *outro*” (BRAIT, 2013, p. 148, itálico da autora).

Em *A palavra na vida e na poesia*, Volochinov/Bakhtin ([1926] 2011) explicam que o discurso da arte é imanentemente social, sendo entrecruzado por inúmeros fatores sociais. Segundo os autores, “na literatura são importantes acima de tudo os valores *subentendidos*”. Destacam ainda que “uma *obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas*: cada palavra está impregnada por elas” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926] 2011, p. 167, itálico dos autores). Na crônica, em análise, é possível notar essa condensação de valores sociais em choque expressados em três grandes aspectos da narrativa: i) na sua descrição espacial e na passagem temporal; ii) na descrição da personagem pelo narrador que participa ativamente da narrativa, avaliando o todo situacional; iii) no exame de consciência do burro, expresso pelo discurso bivocal simulado pelo narrador, fazendo reverberar a polêmica com a situação política da época.

A crônica é narrada por um locutor que participa diretamente da cena. Ele também dialoga com o interlocutor desde o início do texto, a fim de justificar a escrita da crônica sobre o estado definhante de um burro. O texto traz demarcado, no discurso, uma espacialidade e uma temporalidade que mostram a cena aparentemente banal que faz o locutor lançar o olhar para o evento:

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Por meio de signos como “vulgar” e “torpe”, o locutor antecipa a possível estranheza do leitor ao se deparar com uma cena de um burro à beira da morte. Estrategicamente, o interlocutor é levado a considerar importante pensar na morte de um animal que de maneira escravagista prestara serviços a um “dono”. A cena descrita se passa na Praça Quinze de Novembro situada no centro do Rio de Janeiro, sendo um dos pontos mais importantes para a história da cidade. O espaço reúne edificações que fazem parte da memória do Brasil, como o

Paço Imperial, o Convento das Carmelitas, o Arco do Teles, a Travessa do Mercado e a Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé.

A Praça Quinze foi palco de solenidades e acontecimentos do Brasil imperial, como aclamações e coroações, incluindo o funeral real de D. Maria I, que aconteceu no antigo prédio do Convento do Carmo. Em 1878, começou a nova numeração dos prédios da cidade, sendo o Paço Imperial o número sete. Também à frente do Paço, em 1888, foi assinada a Lei Áurea³. O espaço que acolhe o burro na crônica de Machado é um lugar de tensionamento de vozes, pois mostra os embates sociais da época. A figura do burro, nesse lugar, me chama a atenção pela polêmica que instaura com o período escravagista. De um lado, há um discurso de liberdade que estava se sedimentando naquele momento histórico, mas, por outro lado, há uma população sendo aparentemente liberta e ficando às margens na sociedade.

A praça que abriga o burro em desalento, na crônica, é colocada como lugar de uma aparente vida normal que seguia apesar de tantas desigualdades sociais que saltavam aos olhos. A praça, nesse ponto, pode ser considerada um signo ideológico que é arena de vozes em tensão (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010), ou seja, o mesmo “lugar” que fora palco de eventos libertadores como a assinatura da Lei Áurea, por exemplo, é também lugar de abandono e desamparo de sujeitos desfavorecidos socialmente. O locutor da crônica põe em discurso esse choque de vozes e avalia polemicamente a relação de abandono desse burro que mais adiante vai ganhando características humanas e sociais.

A aparência do burro retratada na crônica demonstra o olhar crítico de Machado àquela sociedade. O burro está com ossos que furam a pele e, a partir desse quadro, o leitor pode ter a dimensão da decadência física do animal. A magreza do burro reflete o estado definhante do animal em situação de abandono e refrata, nesse contexto, as situações de abandono dos negros à época da abolição da escravidão. As características do burro começam a se deslocar para os sujeitos de modo gradativo no texto, a fim de instaurar uma polêmica velada com o contexto da época. Essa polêmica vai se intensificando e ganhando tons axiológicos de ironia como se pode observar nos trechos que seguem:

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e

³ A lei Áurea (nº 3.353) foi sancionada em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel e por Rodrigo Augusto da Silva extinguindo (oficialmente) a escravidão no Brasil.

eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

Utilizando-se de recursos linguístico-discursivos como a ironia, o locutor trava uma polêmica velada com o suposto dono do burro que não teria abandonado o animal inteiramente, uma vez que havia capim e água perto do animal quase morto. O que fica velado nesse discurso? Há, nesse contexto, uma ideia geral a ser problematizada: a noção de abandono naquele momento refletia e refratava uma profunda desigualdade que se complexificaria depois, ao longo da história do país, e que, na contemporaneidade, nos é drástica. Da narrativa machadiana, surgem vozes advindas de sujeitos poderosos e naturalizadas entre a massa popular de que “dar o mínimo” ao trabalhador já seria o suficiente. Ter a comida e a água a seu alcance, mesmo moribundo, já seria satisfatório.

Além disso, nessa figura de um suposto dono do animal, surge a imagem refrangida da própria política envolvida no longo processo abolicionista. Segundo Theodoro (2008, p. 15), “o trabalho escravo, núcleo do sistema produtivo do Brasil Colônia, vai sendo gradativamente substituído pelo trabalho livre no decorrer dos anos 1800”, mas essa substituição configura-se de uma forma particularmente excludente. Assim, “mecanismos legais, como a Lei de Terras, de 1850, a Lei da Abolição, de 1888, e mesmo o processo de estímulo à imigração, forjaram um cenário no qual a mão de obra negra passa a uma condição de força de trabalho excedente” e marginalizada, em sua maioria, em pequenos serviços ou em agricultura de subsistência. Desse modo, “a abolição da escravidão colocou a população negra em uma situação de igualdade política e civil em relação aos demais cidadãos”, no entanto “as possibilidades de inclusão socioeconômica dessa população eram extremamente limitadas” (THEODORO, 2008, p. 18).

O burro, na crônica, é o caleidoscópio desse cenário de vozes e disputas de poder. Depois de servir a um dono que lhe ofereceu o mínimo de subsistência, está num quase morte ao relento, em situação de total precariedade de saúde. Não muito distante de nosso tempo atual, também é possível identificar essas relações injustas e desiguais no âmbito trabalhista. O trabalhador brasileiro ainda tem sua saúde precarizada, uma aposentadoria ínfima em relação ao que descontou ao longo da vida, ficando também à mercê de um sistema econômico que não o acolhe como ser humano no final da vida. O burro machadiano é o próprio signo ideológico do abandono, da exploração, da desigualdade enraizada na nossa sociedade, extrapolando seus sentidos na contemporaneidade.

Essa semiose que se investe no burro opera no entrecruzamento de vozes num jogo de valores que humanizam esse animal: o burro, pelo olhar do narrador, chega ao interlocutor com consciência de sua situação, com capacidade de reflexionar sobre seu estado. Num movimento exotópico de ler (se aproximar) o pensamento do burro como se o decifrasse, daí a comparação com Chapolion – um decifrador de escritos antigos - o narrador onisciente, construído na crônica, sabe (e tem o *poder – saber*) o pensamento do burro por ser um pensamento que circula em vozes sociais da época, sendo o burro a imagem sígnica do eco dessas vozes na crônica. Esse eco ganha contornos valorativos no exame de consciência que inicia a seguir:

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tálburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Após o movimento exotópico de se aproximar da consciência do burro moribundo, o locutor volta a si e simula na crônica um discurso bivocal em que a palavra do burro aparece com fronteiras marcadas, criando efeitos de distanciamento e transparência. É interessante notar a perspicácia machadiana neste ponto da crônica e para compreendê-la, recorro à raiz do conceito de exotopia, sob as lentes bakhtinianas. A noção de exotopia explica o fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência observar uma outra como um todo acabado. No caso do narrador e do burro, as consciências aparentemente duplas são simuladas, pois ao decifrar o exame de consciência do burro, o narrador traz para a sua voz o discurso do burro que reflete e refrata a polêmica em jogo.

A simulação do encontro de consciências na crônica faz emergir sentidos de aproximação, de empatia do leitor com a própria personagem principal, o burro, em estado periclitante. No entanto, a complexidade do texto mostra que a aproximação é simulada, mas não há fusão de vozes no discurso, ou seja, o narrador trata de delimitar fronteiras e colocar o exame de consciência do burro em evidência para o próprio leitor chegar à conclusão da crítica empregada.

Assim, num movimento dialógico de aproximação entre as vozes do narrador e do burro, a crônica acaba por se tornar linguística e discursivamente uma suposição do narrador do que seria a consciência do burro, uma vez que o verbo “diria” apresenta uma ideia de incerteza quanto ao fato narrado. Essa incerteza refletida e refratada na forma verbal faz emergir sentidos de dúvida quanto à própria interpretação do locutor em relação aos fatos em polêmica no discurso bivocalizado do burro. Esta é uma forma de posicionamento que deixa em aberto o diálogo com o interlocutor, considerando ser este um dos grandes projetos enunciativos de uma crônica.

Nessa direção, ao adentrar no fulcro do discurso bivocal simulado do burro, examino um choque de valores encenado no enunciado. De um lado, há vozes de passividade e resignação diante do sofrimento e, de outro, há vozes de enfrentamento aos maus tratos sofridos em relações de trabalho injustas e inóspitas em que viviam os escravos. Essas duas vozes aparecem, no discurso bivocal, em sobreposição dialógica em que a voz do burro se direciona

para a passividade e a voz escamoteada do locutor se direciona em movimentos irônicos às vozes de enfrentamento, instaurando a polêmica velada do locutor em relação à passividade.

A polêmica construída, neste ponto da crônica, vai ganhando mais abertura quando o burro coloca em oposição de valores os bens que praticou que também giram em torno da passividade, da ideia de “apanhar e calar”. O burro era o transporte dos namorados, divertia seus donos, livrava credores de pagar suas dívidas. Por meio da ironia, o locutor faz surgir a ideia de funcionalidade invisível que tinham os trabalhadores escravos, sem reconhecimento algum pelas atividades que desempenhavam. O burro era útil, coisificado como tantos escravos e como na contemporaneidade muitos trabalhadores se tornam aos patrões: peças utilitárias que produzem para gerar lucros a grandes empresas e, no final do período trabalhado, são descartadas [como peças] sem as condições necessárias de subsistência.

Essa polêmica no discurso bivocal do locutor traz à tona os problemas que envolvem as relações de trabalho no Brasil desde a abolição da escravatura. Tais problemas são econômicos, mas pela profunda oposição de classes que se instaura, passa a ser também problemas sociais, políticos e culturais. Nesse sentido, retirado de suas características concretas que envolvem a produção humana em sociedade, o trabalho torna-se, no sistema capitalista, um grande dispêndio de energia que ignora manifestações e necessidades singulares. Para Marx (1978), tal distorção se faz ao longo do processo de criação de valor que transforma o trabalho em mercadoria e esta transformação se efetiva nas relações de embate entre as classes. O burro, na crônica de Machado, parece representar esse embate que, futuramente, na história do país, iria desencadear todas as lutas sindicais e movimentos operários.

Ao final da crônica, a decepção com o sistema toma conta do locutor e a crítica se acentua no discurso:

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também

não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. Requiescat in pace.

O locutor encaminha o final da crônica com um embate de vozes concessivas: apesar de o burro ter suposta capacidade de exame de consciência, ele não escaparia do fim trágico que era morrer ao relento e abandono em uma praça pública. Logo, ter capacidade de raciocinar não seria bem o componente decisivo de retirar o burro daquela situação. Assim, o locutor compara o comportamento do burro com o das abelhas e o das formigas. As abelhas e as formigas são animais com capacidades de organização coletiva para o trabalho, ou seja, são animais conhecidos pelos empreendimentos que executam por conta dessa organização. Essa comparação pode refletir e refratar no discurso sentidos que acenam para a discrepância do tamanho e do poder desses animais. O burro, nesse contexto, não saberia a força que tem e se submeteria a serviços penosos por faltar essa “sabedoria”.

Como a crônica pretende fazer uma reflexão sobre as tensas relações trabalhistas da época, isso pode ser transposto para as relações humanas no mundo do trabalho, ou seja, os trabalhadores vivem em uma sociedade exploradora que justamente se aproveita da falta de consciência do povo para impor medidas trabalhistas injustas. O que a crônica deixa entrever é a ideia de que o povo não sabe o poder político e econômico que tem e, por não ter consciência de seu papel fundamental nesse sistema, acaba por negociar o seu trabalho a valores ínfimos e ter uma vida sem dignidade de sobrevivência no âmbito mais básico quais sejam, saúde, moradia, alimentação, educação etc.

Nesse sentido, a polêmica pode ser vista como uma estratégia de enfrentamento de ideias no discurso. No caso do texto, em análise, as vozes trazidas por Machado se chocam para uma orientação em comum: a crítica às más condições de trabalho e como a falta de crítica por parte da sociedade banaliza o problema. O burro é a própria encarnação dessa banalização no discurso da crônica, viabilizada por uma rede de relações dialógicas tecidas pelo autor. Para Faraco (2009, p. 68), as relações dialógicas constroem um espaço de tensão no enunciado e dessas relações pode resultar convergência, combinação, aderência, complemento, fusão, mas também pode surgir a divergência, o desacordo, o embate, a recusa.

Desse modo, ao final da crônica, observo que o discurso bivocal, nesta crônica, se constrói numa tríplice crítica. Em primeiro lugar, percebo a crítica do locutor ao sistema que explora, materializada com o dono do burro que o deixa morrer ao relento; em segundo, entendo a crítica direcionada ao trabalhador e/ou escravo em fase abolicionista que aceita passivamente esse sistema, materializada na própria figura do burro; e, em terceiro lugar, noto a crítica

orientada para quem assiste essa relação de exploração e segue a vida com indiferença sem se importar com o sofrimento alheio, materializada através das pessoas que passavam pela praça.

Essa crítica triplamente arquitetada tem a praça como palco de vozes que se embatem, mostrando que um problema social precisa ser pensado sob a ótica de vários atores sociais que ativamente são responsáveis pelo desenrolar da problemática. Assim, a polêmica de vozes, em diferentes textos, descortina os tensionamentos que se engendram nas relações humanas em sociedade, deixando evidente a complexidade de valores que penetram essas relações.

Palavras finais

Os estudos do Círculo possibilitam às pesquisas que envolvem a linguagem em uso um olhar que considera o plural, mas não descarta o único, pelo contrário, é um olhar teórico e metodológico para o objeto, situando sua singularidade em meio à diversidade. Na verdade, os sentidos são fixados e compreendidos, quando olhados sob essa ótica dialógica, quando observados na tensão com o outro.

As categorias de análise empregadas neste artigo revelam as múltiplas possibilidades de encenação da polêmica em um discurso. A teoria bakhtiniana se torna apropriada e propícia para observar a complexidade que se instaura no encontro de vozes de opressores e oprimidos. Nessa perspectiva, concordo com o pensamento de Stam (2010), quando o autor destaca que o construto teórico de Bakhtin demonstra “afinidade consistente com tudo o que é marginal – as margens do corpo, as margens do organismo social, as margens da linguagem – e uma identificação intrínseca com a diferença e com a alteridade”. Assim, esse construto teórico se torna especialmente apropriado “para a análise de discursos minoritários” (STAM, 2010, p. 350).

Nessa esteira, a voz do burro, encenada na crônica machadiana, é uma voz representativa e refratada de vozes minoritárias, oprimidas. Essa voz representa metonimicamente um passado e um presente de vozes reprimidas socio, econômica e politicamente. Ao bivocalizar essa voz, o narrador ilumina a problemática em foco, trazendo a discussão para a arena de várias vozes sociais concorrentes. Ao entrar na crônica de Machado, a voz do burro reflete e refrata (além do tempo) as milhares de vozes apagadas, segregadas e sucumbidas com a escravidão no Brasil. E o que de fato mais impressiona, nesta análise, é o quanto ainda essa tentativa de apagamento é empregada na contemporaneidade em discursos políticos que minimizam os efeitos sociais da escravidão no Brasil do século XXI.

Nesse contexto, o discurso na arte, na literatura de um modo geral nos apresenta um espectro de vozes possíveis e passíveis de serem representadas esteticamente, trazendo para a

superfície discursiva temas urgentes que envolvem o indivíduo, a linguagem e a sociedade (e sua história). A esfera literária e a esfera artística, de modo mais ou menos amplo, colocam na tessitura do discurso as marcas dialógicas dos conflitos sociais mais sensíveis, transformando, reelaborando e ressignificando as relações humanas.

Referências

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. (1929). Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance [1975]. Tradução de Aurora F. Bernardini et. al. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal** [1979]. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. [1963]. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo, Nova Cultural, 1978.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

RIBEIRO, K. R. Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo *show da fé*: tensão entre fé, Mercado e publicidade. 2015, 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, K. R. A polêmica de vozes no discurso da campanha Rasgue o verbo. **Revista Ação midiática**, Curitiba, n. 13, p. 119-138, 2017.

RIBEIRO, K. R. A produtividade do conceito de discurso bivocal no contexto do culto televisivo Show da Fé. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v. 11, p. 68-82, 2018.

RIBEIRO, K. R. A construção da polêmica em ilustrações de Carol Rossetti: enfoque dialógico. **Intersecções - Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, v. 12, p. 7-26, 2019.

STAM, R. Bakhtin e a crítica midiática. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

THEODORO, M. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: THEODORO, M. *et al.* (Orgs.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008.

VOLOCHINOV, V. N. (BAKHTIN, M.). A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHINOV, V. N. (BAKHTIN, M.). **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. Tradução de Allan Pugliese *et al.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

Sobre a autora

Kelli da Rosa Ribeiro ([Orcid iD](#))

Doutora e mestra em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); graduada em Letras e especialista em Linguística e Ensino de Português pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). É professora do Instituto de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG.

Recebido em janeiro de 2020.

Aprovado em maio de 2020.